

Arthur Rimbaud – Romance

I

Aos dezessete anos não se pode ser sério.
– Um dia, larga-se o chope e a limonada,
E os barulhentos cafés de lustres feéricos!
– E vai-se sob as verdes tílias dessa estrada.

As tílias recendem nas tardes de verão!
O ar é tão doce que a pálpebra se fecha;
Um vento de barulhos, – a cidade à mão, –
Transporta perfumes de vinho e de cerveja.

II

Eis que uma faixa de azul escuro aparece
Toda muito bem enquadrada na ramagem,
Picada por estrela má, que se amortece
Em um doce tremeluzir, branca e selvagem.

Noite de junho! A juventude segue bêbada.
A seiva do champanhe sobe-lhe à cabeça...
Divaga-se; nos lábios um beijo se queda
E palpita qual se fosse pequena besta.

III

O louco coração uns romances Robinsona,
– Quando, na pálida luz que cintila, vai
Uma charmosa menina colada à sombra
Do sombrio colarinho postiço do pai...

E como te percebe assim muito mortiço,
Fazendo trotar as pequeninas botinas,
Ela se volta, alerta, em movimento vivo...
– Em teus lábios então já morrem cavatinas...

IV

Apaixonado. Alugado até agosto.

Doido. – Ela de teus sonetos faz diversão.

Os amigos se vão, já que és puro mau gosto.

– Mas um dia ela se digna a escrever-te então.

Ah! que dia louco... – regressas aos cafés feéricos,

E pedes muito chope ou fresca limonada...

– Aos dezessete anos não se pode ser sério

Quando as verdes tílias recobrem toda a estrada.

Arthur Rimbaud, Antologia poética